



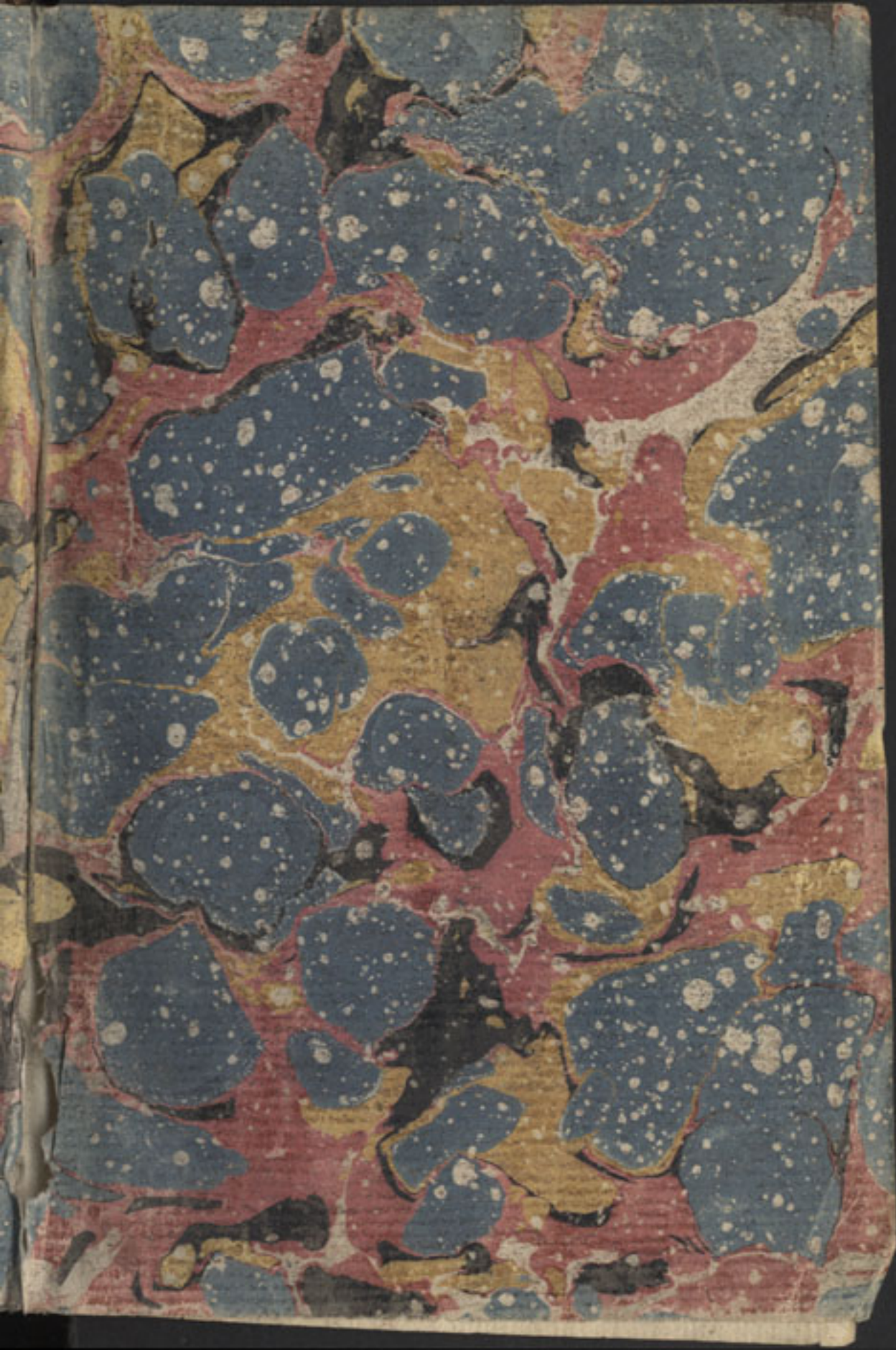
1  
(b)  
4  
28



1  
(b)  
4  
28











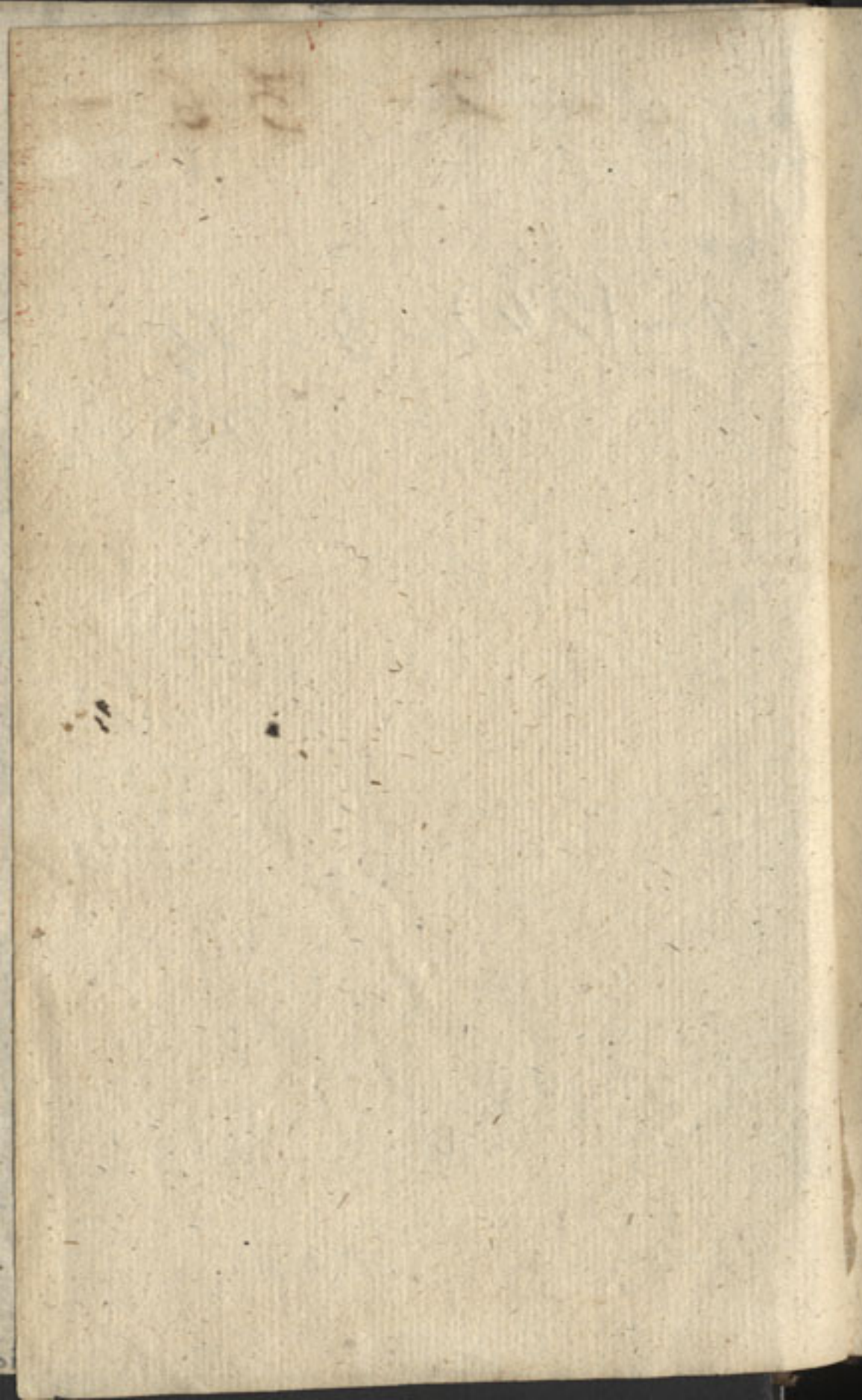
1  
(b)  
4  
28

C - 2 - 36 -

1 - (24) - 3 - 25 -

23





# O ESTALAJADEIRO

SIMPLES.

DRAMA JOCOSO

COMPOSTO

POR F...



COIMBRA:

Na Real Officina da Universidade

---

M. DCC. LXXX.

*Com Licença da Real Meza da Commissão Geral  
Sobre o Exame e Censura dos Livros.*



O ESTALAJADEIRO



INTERLOCUTORES.

Dr. LEONARDO,	Medico
JOZE' CALOTE,	Seu Criado
JULIANNA,	Velha Parteira, Tia de Leonardo
BASBAQUE,	Velho Estalajadeiro
DIONIZIA,	Filha deste.

*Dois criados de Basbaque que não falam.*

*[Faint bleed-through text from the reverse side of the page, including words like 'O Real', 'proposito', 'nao', 'depois', 'na cabeça', 'o que eu duvido']*



PARTE PRIMEIRA



SCENA PRIMEIRA

Dr. LEONARDO. JOZE' CALOTE.

CALOTE.

**O**RA essa he boa! o mundo está perdido!  
Olhe Senhor meu Amo; eu tenho andado  
Por Aldeias, por Villas, por Cidades:  
Tenho representado mil figuras:  
E porque d' huma vês lhe diga tudo,  
Lidei cõ mundo em pezo; mas protesto,  
Que nunca vi cabeças desmioladas  
Em tanta quantidade, como em Coimbra:  
E o peor he que...

LEONARDO.

Calla-te, môfno.  
Há cazo semelhante? Eu te pergunto:  
Eu fallo-te em Coimbra? A que propozito?

CALOTE.

Ouçã, Senhor meu Amo: não f'agaste,  
Não seja impaciente; e ao depois  
Q' eu cá tiver tálhada a carapuça,  
Se lhe feryir, encaixe-a na cabeça;  
E se lhe não feryir, (o que êu duvido),

A 2

Ati-



Atire c'o ella á rua ; certo, e certo,  
Que não perco o feitio.

LEONARD.

Homem malvado !  
Não me bastaõ as mágoas, e os cuidados,  
Que de dia, e de noite m'atormentaõ ?  
Se continuas mais a causticar-me  
C'o ella séca infernal, . . . . . (*muito enfadado*).

CALOT.

Eu já me cálo.  
Queria ver se achava . . . algum remedio . . . . (*com*  
Era hum remedio . . . . . (*muito medo*).

LEONARD.

Aos meus males, Calóte ? (*mais brand*

CALOT.

Po-pode ser que sim.

LEONARD.

E emtaõ, que esperas ?  
Ah ! meu Jozé Calóte, meu amigo,  
Meu fiel companheiro á tantos annos ;  
Se me descobres hum remedio prompto  
Aos meus máles, prometto, e até juro . . . . .

CALOT.

Remedio prompto ? E eu fei, se o feu calibre (*com*  
He-taõ rijo, que dar-lhe hum bom remedio, *de-*  
Seja o mesmo que dállo a hum jumento ? *semba-*

LEONARD.

Ora anda, Jozézinho, anda com isso :  
Não m'atormentes mais. E emtaõ ? Dionizia . . . . .

CALOT.

Emtaõ oque ? Promette estar calládo ;  
E ouvir-me com propozito de gente,  
Oque eu quizer dizer-lhe ?

LEO-



LEONARDO

Sim ; prometto.

CALOT.

Pois vá feito ; lá vai. Cuidei , que em Coimbra  
 Ao menos a Irmandade da batina  
 Tivesse muito juizo ; pois que ouvia  
 Sempre dizer , que ali he que habitavaõ  
 As Sciencias. Mas logo em poucos dias  
 Dezenganei-me ; e entrei a construir  
 Hum dito de meu Pay , ( que esteja em Gloria , )  
 Q'humã couza he ser sabio , outra ter juizo :  
 E que quem burro vai a Santarem ,  
 Burro vai , burro vem. Vi pellas ruas  
 Abaixo , e affima andarem em cardumes  
 Huns Clerigos sem crôa cô as batinas  
 Affima dos joelhos ; huns traziaõ  
 A capa em tal estado esfarrapada ,  
 Que quando encontrei hum á vez primeira  
 Fui c'o a maõ a algibeira , e affentei dar-lhe  
 Os meus dez reis d' esmola : 2s fujas meias  
 D'alto abaixo eraõ huma chaga viva ;  
 Outros de Çapatinhos muito agudos,  
 Que traziaõ os pés dentro estalando ,  
 Vaõ de pedra em pedrinha remexendo  
 O êsbelto corpo : aqui este encontrava  
 Que mal mexer podia a tremebunda  
 Disforme cabeçorra , em que deitara  
 Mais d'huma arroba , e meia de farinha ;  
 E por tal modo a tinha penteada ,  
 Que qualquer a julgara em consciencia  
 Huma propria cabeça de carneiro :  
 Ali passava aquelle com humas botas



Quo



Que huma duzia bem davaõ á vontade :  
 Rebentaõ outras logo , que áo contrario  
 O tornozello a penas lhe cobriaõ ;  
 E recortadas por invento novo ,  
 Apresentaõ de trás , e por diante ,  
 Seus dois pendurucalhos aos saltinhos :  
 Outro os pobres çapatos remendando ,  
 Em lugar de fivellas traz por moda  
 Fivelinha d' espora pósta á banda.  
 Quazé todos em fim curtos da vista ,  
 Na cara apresentavaõ por luneta  
 Huma tremenda roda d' hum bom carro.  
 Fiquei estupefacto ! e perguntava ,  
 Que casta era de gente aquella gente ?  
 Ah ! que não sei dizer-lhe com que espanto  
 Ouvi dizer , que tudo era Estudante !  
 Tudo Estudante ! Torno a retrucarlhes ,  
 Tudo Estudante ! E aquelles pobrezinhos  
 Que caindo aos pedaços . . . .

L E O N A R D .

Já não posso  
 Mais aturarte. Dize-me , que queres  
 Concluir dessa tua ladainha ?

C A L O T .

Ah ! não m'entende ? Pois eu já m'explico,  
 Quero dizer , Senhor Doutor Leonardo ,  
 Que por Coimbra passieia muita gente  
 Com bem pouco miolo ; e mais ainda ,  
 Que muitos por seus Pays bem educados ,  
 Sizudos e com provas de juizo ,  
 Apenas bebem agua do Mondego ,  
 E se vestem de negro , despem logo



A pelle antiga ; e , emmascarada a cara ,  
 Atiraõ c' o juizo a huma banda ,  
 E fazem despropozitos sem conto .  
 E o peor he , que cria taes raizes  
 A loucura , que ainda muito tempo ,  
 Depois que já não vestem a batina ,  
 Quaze tudo que ali foi Estudante ,  
 Não tem cruces , nem cunhos . Já percebe ?

LEONARD.

Visto isso , sou eu lóco , mariolla ?  
 Pois eu te dou a paga ; toma , toma . *(dálhe)*

CALOT.

Ah quem d' ElRey ? Acudaõ-me , que morro .  
 Senhora Julianna . . . .

LEONARD.

Grita , grita ,  
 Que em ti m'heide vingar . Leva maroto . *(dando)*

CALOT.

*sempre)*

Senhora Julianna ; ai que arrebento :  
 Senhora Julianna . . . . *(sabe logo Julianna.)*

## SCENA II.

JULIANNA. OS DICTOS.

JULIANNA.

**Q**UE barulho ,  
 Que tagarella he esta ? Leonardo ,  
 Que foi isto , rapás ? Não me respondes ?  
 Stas



Stás embaçado? Dize-me, Calote,  
Que bulha he esta? Ai ai que negregado  
Rapás! Ai meus peccados!

CALOT.

He o pago  
Do Senhor seu Sobrinho pelo muito,  
Que em Coimbra o aturei . . . . ( *xorando* )

JULIAN.

Naõ me respondes?  
Que te fez este moço? Anda, diabrete:  
Oh mal gráo tu tenhas.

CALOT.

Naõ contente  
C'o a vida que me deo, quer inda agora (*a chorar*)  
Por-me os ossos em piza. Naõ se lembra  
Da muita vez, que lhe matei a fome.

LEONARD.

Que me mataste a fome?

CALOT.

A fome, a fome.  
E senaõ diga: d'onde este appellido,  
Alcunho, ou sobrenome me pozeraõ  
De Calote? Naõ foi porque no tempo . . . .

LEONARD.

O' patife, insultarme? (*querendo dar-lhe*)

JULIAN.

Tem-te maõ,  
Leonardo; tem prudencia: naõ reparas,  
Que o moço está atollito? . . . .

LEONARD.

Senhora,  
Se naõ fora o respeito, que lhe devo . . . .

CALOT.



CALOT.

Qual respeito? Não tinha elle respeito.

LEONARD.

Se não callas esgano-te

JULIAN.

Leonardo; Tem prudencia, Leonardo. Meus peccados!

Pra quando guardas tua queiximonia?

Quando andavas no estudo da Grammatega,

Construngindo a porzodia, e a seletra,

Tinhas mais imporpozito; mas hoje,

Mál haja as mathamátas! Eu me benzo!

Eu t'arrenego, couza má! Parece

Q' estás tresvaliado! Que t'emporta,

O que o moço te diz?

LEONARD.

Eu já me callo;

Porém matar-me a fome.

CALOT.

Sim; a fome.

Quando aquella pessoa lhe xupava

Thé o ultimo real, com que comia

A sua bizarria? Huma seleta

Já mui velha, e sem capa; humas esporas

De latao, ou zinabre; huma camiza,

Que já nem mangas tinha, com que eu hia

A' caza das Adellas, he que davao

Para encher esse pança? Não por certo.

JULIAN.

O cauzo mais s'entorna. Quando eu cuido . . .

Leonardo, porque deste neste moço?

Dize, porque quero ver se descomponho

Tanto embrulho.

LEO-



LEONARDO.

Senhora minha Tia ;  
Dei-lhe ; e fiz muito bem ; que este insolente  
Atreueo-se a chamar-me claramente  
Lôco, e mais lôco ; e ainda . . .

CALOT.

Isso he verdade ;  
Porém tive razão. E senão diga :  
Não he tollice descaixada , e infame ,  
Hum homem , que hé Doutor condecorado ,  
Que podia dar honra á parentálha ,  
Namorar-se da filha d' hum indigno ,  
Vil Estallajadeiro ? E andar xorando  
Hum tamanhão d'aquelles pelos cantos ?

JULIANA.

Quem hé esse Estanqueiro ?

CALOT.

Q' Estanqueiro ?  
Não ouve bem ? Pois eu lhe fallo ao ouvido.  
He ô Estallajadeiro seu vezinho , *(gritando)*  
Nomeado Basbaque. *(ao ouvido)*

JULIANA.

Já precevo : não grites : pois tem bichos ?  
Aonde deitas tu os teos xinellos ?  
Fazes bem , Leonardo ; eu tambem nisso  
Hei-de ser introssada. Quem caçára ?  
He rico , como hum porco ! Sim , namora ;  
Namora , meu sobrinho ; mas sentido ;  
Não seja pra mau fim , que eu não dou auzas  
Para poucas vergonhas : só confinto ,  
Se for c'o fim do Sancto Matrimonio.

CALOT.



CALOT.

Ora eis ahi a velha abiatada, *(á parte)*  
Feita onze letras.

JULIAN.

Olha meu Sobrinho;  
Eo Barbaque fará alguns repuidos . . . .

LEONARD.

Eu já falei á filha; á minha amada,  
Formoza Dionizia. Ella está prompta;  
Mas diz, que certamente o Pay reziste.  
Inda que o leve a breca; pois tem feito  
Firme rezoluçaaõ d' a meter Freira.  
Co' receio de ver em maons alheias  
Seu grande cabedal,

JULIAN.

Certo que he grande!  
Pois não te desconsolles: olha; apegate  
Co' esse moço, que hé fino; e se elle a cauzo.  
Mas eu mesma lhe fallo. Meu Calote,  
Agora m' espenho eu: has-de dar provas  
Do teu miolo nesta empreza: eu quero,  
Q' excrogites . . . .

CALOT.

Senhora, eu nunca tive  
Officio d' onze letras.

JULIAN.

Mau he isso!  
Não ves, que he para cazar?

LEONARD.

Em fim não tenho  
Outro remedio mais. Meu caro Amigo,  
Meu leal Companheiro, agora peço

*(de joelhos)*  
Por



Por tudo , quanto posso , que perdoes  
 Meos defatinos ; e procures meios  
 D' eu cazar com Dionizia. Se isto fazes . . . .

CALOT.

Ora isso he outra couza ! Se falasse  
 Com esse modo não teria havido  
 Taõ grande destempero. Ora levante-se  
 Que eu lhe prometto por em obra todas  
 Minhas habilidades ; e mui breve  
 Será o Senhor noivo.

BEONARD. E JULIAN.

Viva , viva :  
 Viva o nosso Calote.

CALOT.

Naõ m' estrujaõ :  
 Vaõ indo para dentro em seu focogo  
 E deixem-me dar volta ao meu miolo ,  
 Q' o cazo não ha-de ir por certo a Roma.

JULIAN.

Pois adeos , meu Calote.

LEONARD

(vaõ-se)

A Deos , Amigo.

CALOT.

A Deos , Senhor Leonardo ; vá seguro  
 Q' eu cá fico arrumando esta xarólla.

*Fim da Primeira Parte.*

PAR-





PARTE II.

SCENA PRIMEIRA

CALOTE SO'

CALOT.

**E**M BOA estou metido ! Heide por força  
 Dar trinta trocicólos ao miolo ;  
 F por fim grangear para o corpinho  
 Algum gibaõ de couro ! Casa , casa ,  
 Que he mau officio este. Inda me lembra.  
 Huma funçaõ , a esta semelhante ,  
 D'onde se quiz voltar , foi-me preciso ,  
 ( E dei graças a Deos ) vir n'humas andas :  
 Porque humas azas , que me haviaõ dado ,  
 Tinhaõ tal pezo , e eraõ taõ disformes ,  
 Q' em vez de me levarem para cima ,  
 Deraõ commigo em terra. Más vá feito :  
 Se o tal Doutor Leonardo , e a tal velhinha  
 Naõ roerem a corda , eu lhes protesto ,  
 Que o Estalajadeiro á sua custa  
 Me ha-de ver com os pés fóra do lodo.  
 Maons á empreza , Calote , mas . . . . que ve-  
 jo ? . . . . (reparando para dentro)  
 Aquella hé Dionizia . . . Pensativa . . . (senta-se  
 Dionizia á porta da Estalagem) Com



Com os olhos em alvo . . . ai que suspira!  
 Certamente a menina he axacada  
 Do mesmo mal do tal Senhor meu Amo:  
 Ao menos os symptomas são os mesmos.  
 Pois a ella me chëgo: armo conversa;  
 E tentarei sacar-lhe do buxinho  
 Alguma couza, donde inferir possa  
 Por onde atacar deva o tal Basbaque.  
 Senhora Dionizia, Deos a guarde: *(falando com*  
 Deos lhe dê muito alegres. *Dionizia)*

DIONIZ.

Obrigada:  
 Os mesmos te dê Deos.

CALOT.

O Sol convida:  
 Fás bem em não perdello, que este Inverno  
 Tem sido muito frio.

DIONIZ.

Ora he bom frio!  
 Antes eu nunca vi por este tempo  
 Dias tão quentes: hontem quaze sempre  
 Andei suando em bica.

CALOT.

Isso he quentura  
 Mui sobrenatural: talvez que sue  
 Co' algum calor intrinseco. Ai suspira!  
 Olhe se he certo, ou não! Senhora, eu tenho  
 Hum faro muito fino. Não m'escapa . . .

DIONIZ.

Não t'entendo, Jozê. Deixa-te disso:  
 Falemos noutra couza. Como passa  
 O Senhor Leonardo? Anda bomzinho?

CALOT.



CALOT.  
Boa! Já nos lá vamos? *(à parte)* Tem passado  
Tempos a esta parte miseravel.

DIONIZ.  
Mizeravel! pois tem alguma couza  
De cuidado? Que doença. . . .

CALOT.  
Bem pergunta ;  
Mas não sei que lhe diga : he máal aquelle  
Que me dá , que entender. A muitos tempos,  
*(Ora dê-me licença , que não posso (senta-se per-  
Estar muito de pé , )* á muitos tempos *to de Dio-  
Depois , que de Coimbra aqui chegamos , nizia)*  
Nem dorme , nem soeega , nem bem janta ,  
Nem bem cêa o coitado : de continuo  
Passeia abaixo e affima toda a caza ,  
De quando em quando dando seus suspiros ,  
E se Deos quer , tambem lagrimejando.

DIONIZ.  
Ora quem sabe , se eu ferei a cauza  
Das suas penas , ou se será outra? *(à parte)*  
Pois olha , meu Jozé , eu cá lhe faço  
Mui boa companhia. Deos o sabe ,  
E ninguem mais , se eu tenho huma só hora  
De socego , ou de gosto. Em fim são tantas  
As affiçoens , que passo nesta caza ,  
Que nem tenho vontade . . . . o meu rega-  
lo . . . . *(xorando)*  
Hé star sempre a chorar.

CALOT.  
Ora não xore ,  
Minha rica menina. Que motivos  
Tem



Tem para tanto excesso?

D I O N I Z.

Pois não hei-de  
Dezesperar por força, acabrunhada  
Com mil trabalhos, e aturando sempre  
Impertinencias do meu velho? E em cima  
Querer por força, que eu lhe dê palavra  
D' aceitar o ser Freira? Isto huma couza,  
Para que eu tenho tão grande repugnancia?

C A L O T.

Tem razão: tem razão: nada de Freira.  
Os Estados, menina, haõ-de ser sempre,  
Ao nosso gosto. Fóra cô as Freirices!  
Mas diga-me huma couza: não ha meio,  
Com que o velho se deixe dessa teima?

D I O N I Z.

Há hum fomite; e este he tão mofo,   
Que antes quero ser Freira. Diz meu velho,  
Que se eu não quizer hir para o convento,  
Ficarei nesta caza toda a vida:  
Que de cazar-me tire o meu sentido;  
Por quanto não quer ver em maons alheias  
O seu remedio; pois muitos trabalhos  
Lhe custou a ganhar.

C A L O T.

E que motivo  
Tem para aborrecer tanto o seu velho,  
E mais a sua caza que quer antes . . . .

D I O N I Z.

Que cauza tenho? Ora essa graça he boa!  
E achas pouco, viver huma Donzella  
N'uma Estalagem, que he caza do povo,

Ou-



Ouvindo humas e outras ; aturando  
 Hum velho rabujento , e até dormindo  
 Tarde , e a más horas sobre a terra dura ?

CALOT.

Pois no chaõ he que dorme ?

DIONIZ.

Podes crelo.  
 Meu Pay he taõ sovinas , taõ amigo  
 De naõ perder vintem , que muitas vezes ;  
 Já naõ havendo em caza humã só cama ,  
 Por naõ mandar embora hum passageiro,  
 Da-lhe a minha , e me deixa c' o costado  
 Sobre humã esteira , quando ha humã esteira,  
 Houve hontem nesta caza tal barulho ,  
 Taõ grande multidaõ de passageiros ,  
 Que prã os accomodar , fiquei sem cama ;  
 E o meu velho dormio na sua mesma  
 C' hum Donato , que veio já mui tarde.

CALOT.

Pois dormio c' hum Donato o seu velhinho ?  
 Há quem tal faça ? Diga, isso he verdade ? *(a rir-se)*

DIONIZ.

Naõ cuides , que he mentira : he mais que certo.

CALOT.

Dormio . . . com hum Donato . . . . *(pensativo)*

DIONIZ.

E que tem isso ?

Ficaste pensativo ? Que motivo . . . .

CALOT.

Senhora Dionizia eu me condõo

Da sua triste vida ; e até me atrevo *(levanta-se)*

D' apor em pouco tempo em liberdade.

B

DIO



D I O N I Z.

Ora isso he graça ; más a ser verdade ,  
Com que havia eu pagar-te essa fortuna !

C A L O T.

Prometta-me huma couza bem pequena ;  
E vem a ser ; fingir que não conhece  
Quem eu sou neste mundo , que eu prometto  
Armar ao seu velhinho huma tál peta ,  
Que , depois de bem farto de rizadas ,  
A hei-de ver cazada com meu Amo.

D I O N I Z.

Ja vejo , estaz mangando ; pois adverte . . . .

C A L O T.

Valha-a Deos , e são Pedro ! Isto he verdade ,  
Senhora ; e brevemente verá tudo  
Disposto em pratos limpos. Pois taõ pouco  
Fia de minha rara habilidade ?

D I O N I Z.

Olha ; a falar a verdade , eu não duvido ,  
Quê dê's conta de couzas mui difficeis ;  
Porém isto tambem depende muito ,  
De que queira o Senhor Doutor Leonardo.

C A L O T.

Ah caxorra ! velhaca ! como he fina !  
Faz-se mui bem de novas a innocente !  
Mas não percamos tempo : eu vou nhum pulo  
Avizar a meu Amo , e á sancta Tia  
Do galante entremez , que tenho armado ;  
Eu os enfaiarei de tal maneira . . . .

D I O N I Z.

Vai-te ; vai-te , Jozé : anda depressa. (*muito affus-*  
Ai meus peccados , que lá vem o velho ? *tada*)

C A-



CALOT.

O meu pé seja hum vento. A Deos thé logo (*vai-se*)

SCENA II.

BASBAQUE. A DICTA

BASBAQUE.

Rapariga. (*chamando inda de dentro*)

DIONIZ.

Senhor.

BASBAQUE.

A esta hora

Temos porta da rua. Rapariga. (*gritando*)

Maldito seja tanto papagayo.

Rapariga. (*gritando mais*)

DIONIZ.

Senhor

(*alto*)

BASBAQUE.

Ouves, Dionizia?

DIONIZ.

Senhor, Senhor. Até já se tem feito

Surdo por meus peccados!

BASBAQUE.

Tu não ouvés, (*vem saindo*)

Cachopa estaz fazendo de meus annos

Escarneo? Rapariga, não m' ouviste?

Deves d' estar judiando. Vai andando,

Q' inda hei-de examinar . . . .

DIONIZ.

Eu tenho culpa

De que me não ouviste? Respondi-lhe

Humas poucas de vezes; não ouvió;



Isto m'emporta a mim bem pouco, ou nada.

B A S B A Q.

Naõ me respingue, taralhona, que hei-de  
Abaixar-lhe o topete. Diga, diga :  
Que faz aqui á porta ?

D I O N I Z.

Quer, que eu seja

Já Freira antes de tempo ? Naõ me basta . . .

B A S B A Q.

Cale o bico, trampoza. Naõ sei, onde  
Estou . . . olha, que perco a paciencia.  
Olha tu, olha, olha . . . vai para dentro :  
Salta lá para dentro ; vamos, vamos.

D I O N I Z.

Deixa estar, rabujento, que ainda o Ceo  
M'hade por daqui fóra a pás, e salvo. *(a parte ; e  
vai-se)*

B A S B A Q.

Resmungo o que quizeres ; mas com tanto  
Que se vá já rolando. Muita falta  
Faz-me a minha defunta, que Deos haja ?  
Se fora viva, nem por isso agora  
Me vira precizado a andar-lhe sempre  
Saltando ao galinheiro ? E talvez inda,  
Que tudo seja pouco ; por quanto ella  
Torta naõ hẽ, e menos aleijada :  
Tem muito bons bigodes ; d'outra parte  
Eu tenho os meus vintens ; e nestes termos  
Naõ hade faltar quem lh' arraste as azas,  
C' o xeiro nhuma ; e mais na outra couza.  
Estou vendo, que naõ terei o gosto  
D'a ver religioza.



*Vem sabindo Calote em trage de Peregrino.*

C A L O T.

Deo gratias ,  
 Senhor patraõ : Deos seja nesta caza. (*muito hu-  
 milde*)

B A S B A Q.

Entre quem he, que a porta está aberta.

C A L O T.

Deos lhe dê boas tardes , e Saude  
 N' alma e no corpo.

B A S B A Q.

Amen.

C A L O T.

Quizera me fizesse  
 A' esmola , e caridade , d' esta noite  
 Dar-me aqui agazalho ; porque venho . . . (*fingin-  
 do-se doente*)

B A S B A Q.

Valha-me Santo Antonio ! A muitos tempos  
 Irmaõzinho , que aqui senaõ juntaraõ  
 Passageiros , como hoje , e hontem á noite ;  
 Deforte que naõ posso accommodallo.

C A L O T.

Senhor tenha piedade ; porqne eu venho . . . .  
 Taõ doente . . . . Jezus ! que dor tamanha !  
 Dei huma quèda c' o costado em xeio ,  
 Que cuido . . . . ai , ai que morro ! certamente  
 Rendi esta costella ; nem eu posso  
 Respirar . . . .

B A S B A Q.

Pois , Irmaõ , que quer , que eu faça ? (*compadeci-  
 Tenho tudo atrancado nem eu vejo do*)  
 Huma esteira . . . .

C A



CALOT.

Jezus! Jezus que morro!  
 Ai as minhas costellas! Estas dores  
 Daõ commigo na cova. Por piedade  
 Veja, Senhor Patraõ, se me descobre  
 Hum colxaõzinho . . . .

BASBAQ.

Colxaõzinho! Como?  
 Naõ lhe digo, que tudo já tem dono?  
 Tenho pena de o ver; mas que remedio?  
 Olhe, Irmaõzinho, aqui veio hum Donato,  
 Meu conhecido, e eu me vi em termos  
 D' o naõ accommodar, até que por ultimo  
 Sugeiteime a passar com elle a noite,  
 Ambos na mesma cama

CALOT.

E com effeito  
 Dormio c' o tal Donato?

BASBAQ.

E que remedio?

CALOT.

Antes, antes assim mesmo em pedaços (*muito af-*  
 Eu fora por diante; e ao sereno *flicto*)  
 Toda a noite passasse, ao frio; e á chuva:  
 Antes mil vezes . . . . coitadinho! Ignoras . . .

BASBAQ.

Ui, Senhor Peregrino! Eu por ventura  
 Estou excommungado?

CALOT.

Naõ he isso.

Eu digo, que antes nunca o conhecera,  
 Do que vello . . . . coitado! Pobrezinho!  
 Que pena tenho?

BAS-



B A S B A Q.

Irmaõzinho, que tem? Que tresvarios . . . .

C A L O T.

Mál empregado he elle, que parece  
Huma alma boa! Logo na veronica  
Se conhecem . . . .

B A S B A Q.

Amigo eu não o entendo.  
Ou se explique melhor, ou logo logo  
Ponha os quartos na rua.

C A L O T.

Não se agaste,  
Senhor Patraõ, que eu mál nenhum lhe faço.  
Oxalá, que eu podesse remediar-lhe  
A desgraça, em que o vejo!

B A S B A Q.

Que desgraça?  
Eu nada tenho, seja Deos louvado.

C A L O T.

Ah! que não sabe os termos, em que se acha?  
Se foubera a doença, que o espera . . . .

B A S B A Q.

Que doença Irmaõzinho? Eu nada sinto.

C A L O T.

Senhor Patraõ, não tenho outro remedio,  
Se não falar verdade por descargo  
Da minha consciencia. Ha quem tal faça?  
C' hum Donato dormir? Não sabe o damno,  
A que s'expoz? Já, já sem mais demóra,  
Bem pode em si cuidar, porque está prenhe.

B A S B A Q.

Que lhe dizia eu? Agora creio,

Que



Que o pobre homem he doido.

CALOT.

Naõ sou doido.

Antes me admiro, que sem cauza alguma

Naõ se fie de mim. Assim eu tenha

Sans as minhas costellas, e com vida

Chegue á minha cazinha, em que m'espera

A sancta companheira c' os filhinhos,

Como eu fallo verdade, Naõ duvide.

BASBAQ.

Mal hajas tu, e mais tua loucura!

Tu naõ vez que sou homem? He galante

A scisma que tomou?

CALOT.

E que lhe vale,

Senhor Patraõ, ser homem? Melhor fora . . .

Os Donatos tem huma tal virtude,

Q' em dormindo c' hum homem . . eu me benzo!

Eu tenho visto varios destes cazos.

Em Napoles, por onde andei huns tempos,

Conheci neste estado hum pobre homem,

Q' era hnuma lastima: cresceolhe o ventre

Como huma pipa, e assim por fim de contas,

Chegado o tempo de parir, ( eu tremo,

Quando de tal me lembro, ) dava huns urros,

Que parecia hum boi desesperado;

E a criancinha, que naõ tinha porta,

Por onde escapulisse, de tal modo

Couceava a barriga, que no êmbigo

Fez-lhe hum tremendo rombo; e logo, logo

Cahio aos pés do Pay, que morto estava.

Em Veneza tambem, se bem me lembro

Fazem



Fazem hoje seis annos, que eu vi outro,  
 Prenhe do mesmo modo; e peior inda  
 Q' eraõ dois gemeos as criançazinhas.  
 Huma dellas sahio pelo fuvaco  
 Deste braço direito, e pelo esquerdo  
 Sahio a outra.

B A S B A Q.

Em boa estou metido?  
 Dar-se-há cazo que seja isto verdade?  
 Sempre faõ certas novas más, e ás vezes . . . .

C A L O T.

Valhaõ-me os Ceos! Tem mais, que mandar  
 logo

Chamar huma Parteira, ou hum Parteiro?  
 Eu daqui não m' arredo; e hoje mesmo  
 Se verdade não for o que lhe digo . . . .

B A S B A Q.

Basta, basta, Irmaõzinho, Pra' que jura?  
 Ora esta agora he boa! Se isto he certo,  
 Que triste fim terás, pobre Basbaque!  
 Que precizaõ agora tem este homem (*pensando*)  
 De se por a mentir sem mais nem menos?  
 E se acazo mentisse, não dizia  
 Que mandasse eu chamar huma Parteira.  
 O cazo sempre he certo. Estou perdido!  
 Por isso eu sinto de hontem para hoje  
 Hum pezozinho aqui da parte esquerda!  
 Ah! Irmaõzinho, certamente o Ceo  
 Aqui o trouce para dar-me avizo  
 Deste prodigio. Eu tomo o seu conselho:  
 Fique aqui esta noite; e como eu tenho  
 Huma vezinha que aqui mora perto,

Par-



Parteira examinada , eu já a mando  
 Logo , logo chamar. Em taõ veremos  
 Ao certo , o que ella diz. O Ceo permitta ,  
 Que tal naõ succedesse.

C A L O T.

Affim o queira ;  
 Mas eu duvido muito. Vamos , vamos :  
 Naõ perca hum só instante , que lhe pode  
 Cauzar hum grande damno sem remedio.

B A S B A Q.

Tem razaõ , Irmaõzinho ; eu vou a isso. (*vai-se*)

C A L O T.

Andar , que vás servido á consciencia. (*a parte e  
 vai-se*)

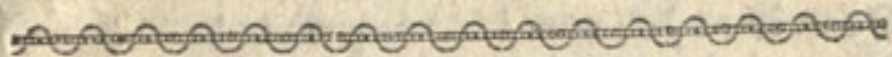
*Fim da Segunda Parte.*







PARTE III.



SCENA PRIMEIRA

BASBAQUE. DIONIZIA

BASBAQ.

**R**APARIGA, a Vezinha tarda muito.  
Naõ a chamaste? Grita ahi por ella.

DIONIZ.

Ja a chamei, e cuido que a demora  
Pouca ferá; que a penas eu lhe dice,  
Que o viesse ver que estava mui doente,  
Respondeo-me, que andava offerecendo  
As suas contas, e que já pegava  
A penas acabasse, na mantilha.

BASBAQ.

Grandes são meus peccados! Quem dicera  
Q' estaria guardado . . .

*vem sabindo Julianna*

JULIAN.

Com leicença,  
Senhor vezinho.

BASBAQ. E JULIAN.

Ora entre que já tinha  
Faltado muito bem.



JULIAN.

Toda a demôra ,  
Boas noites , que já me hia ésquecendo ,  
Foi quanto offereci . . . . Mas . . . . que he o que  
vejo ? *(reparando em Basbaque)*

Que vês tu Julianna ! Estou passada !  
Nome de benté hora ! Que disgracia !  
Estou aldimirada ! Certamente . . . .

BASBAQ.

Menina , vai pra dentro ; porque eu tenho  
De falar c'o a vezinha n'humas couzas . . . .

JULIAN.

Naõ he precizo tanto : a sua doênça  
Naõ he ludubrinhoza ; nem he couza ,  
Que se possa occultar.

BASBAQ.

He mais que certa  
A maldita prenes ! Maldiçãoado *(a parte)*  
Quem me pôs neste estado ! Eu endoudeço !  
Senhora Julianna , eu hoje quero  
Consulta-la na queixa, que padeço ,  
E que me dá cuidado muito grande.  
Tome-me o pulso.

JULIAN.

Tal naõ hé precizo ;  
Q' eu ja sei o seu mal. Estaõ bem claros  
Os Signaes ; naõ lhe falta huma só couza.  
Nome de benté hora ! Pobrezinho !  
Olhem aquelles olhos encovados !  
Aquelles pannos , que já vem sahindo !  
Senhor vezinho , tenha paciencia :



Passeie hum pouco : ora ande que he precizo (Paf-  
 Olhem aquellas pernas taõ albertas! *seia Barbaque*)  
 Estou certificada , pois naõ falha  
 Este signal. Senhor Vezinho , diga ;  
 Diga por caridade , naõ sabia  
 A que s'expos dormindo c' hum Donato ?

B A S B A Q.

E quem lhe dice , fimeilhante couza ?

J U L I A N.

Tem muito , que saber ! Pois quem naõ sabe  
 Que só quem isso faz , he que padece  
 Esse mal dos peccados ?

B A S B A Q.

E que doença  
 He a que tenho ?

J U L I A N.

Ora essa he boa agora !  
 Duvida , que eu o faiba ? Louve o Ceo ,  
 Q' aqui me deparou com experiencia  
 Tao grande , que me basta por-lhe os luzias  
 Pra descavar-lhe o mal ; e naõ preciza  
 Mais inzeminaçaõ. S' esta menina ,  
 (Deos a fade melhor , ) tivesse a queixa ,  
 Que lhe descubro , entaõ naõ era nada ,  
 Porque havia parir , bem como as outras ;  
 Mas o Senhor Barbaque !

B A S B A Q.

Nesses termos . . . .  
 Triste de mim ! Q' hei-de eu fazer agora !  
 Oh Sina endiabrada ! oh pobre velho !  
 Pra que estavas guardado ! Milhor fora  
 Morrer mil vezes , do que neste estado . . . .



JULIAN.

Conforte-se , Senhor. Tenha paciencia  
Com as alterações do Ceo , e veja . . . .

BASBAQ.

O que , vezinha , o que ? Não tenho cauza  
Para estallar de pena ? quem me dera . . . .

JULIAN.

Senhor não perea tempo : vamos dentro ,  
Ver s' a cazo aproveita algum remedio  
D'estes que eu sei , a ver se deita fora  
Esse diabrete , em quanto he pequenino ,  
Que se cresce o maldito . . . . eu t' arrenego.  
E mande logo logo a Leonardo ,  
Meu Sobrinho Doutor em Medicina  
Que como he da reforma , sabe muito :  
E se a cazo dicer , que não tem cura ,  
Bem pode imparelhar-se , que . . . .

DIONIZ.

Vezinha ;  
Minha rica vezinha ; a cazo entende ,  
Que seu sobrinho . . . .

JULIAN.

Valha-a Santo Antoino.  
Que serve perder tempo ? Vamos , vamos ;  
Vamos ja para dentro ; e mande logo ,  
Que venha aqui n' hum pé.

DIONIZ.

Pois fim descançe ,  
Q' eu mesma o vou xamar , mesma em pessoa.

BASBAQ.

Ora vamos , vezinha. O Ceo permitta



Dar-me consolação. (vai-se)

JULIAN.

Amen, Amen. (vai-se)

S C E N A II.

DIONIZIA SQ<sup>c</sup>

DIONIZ.

**O** RA esta está galante? Quem dicera,  
 Q' huma triste figura, esfarrapada,  
 Teria habilidade, (inda o não creio;)  
 D' encaixar na cabeça ao meu Rabuja  
 Taõ nova extravagancia! Ora o meu velho  
 Anda ja mui páteta! Mui doidinho!  
 Mas . . . . aquelle he Leonardo . . . . certa-  
 mente (Reparando para dentro)  
 O Ceo o conduzio. Senhor Leonardo;  
 Ouve, Senhor Leonardo? Vai com pressa?

*Sabe Leonardo.*

L E O N A R D O.

Minha bella Dionizia; o Ceo te guarde:  
 Queres-me alguma couza? Muito estranho,  
 Que me chames com tal desembaraço,  
 Quanto outras vezes . . . .



DIONIZ.

Tudo isto he devido  
Ao seu Jozé Calote. Tem armado  
O maldito taes couzas . . . .

LEONARD.

Sei de tudo.

Não percas tempo em mo contar. Só quero  
Que conheças até destas loucuras ,  
Que grande he meu amor ; com quanto excessso  
A paixão m' allucina e quanto eu morro  
Por ser o teu Espozo ; mas he justo ,  
Q' eu mais me não demore em declarar-te  
Aquillo , que bem sabes. Em fim dize-me ;  
Que tem feito Calote ? Minha Tia  
Fez bem o que devia ?

DIONIZ.

Optimamente.

LEONARD.

O velho está de todo persuadido ?

DIONIZ.

Tanto , que não sei como ainda he vivo ;  
Ao menos , se este enredo atura muito ,  
Certamente endoudece.

LEONARD.

Bravo , bravo.

Por certo que o meu moço he o Rey dos moços.  
Dize-me mais ; e agora que mais resta ?

DIONIZ.

Sua Tia pedio , que logo logo  
Chamaffem seu sobrinho , que como era  
Medico da reforma , certamente . . . .



LEONARD.

Bravo, bravo. Pois olha, vai de pressa,  
 Minha amada Dionizia, vai n'hum pulo  
 Dizer ao Velho: que aqui estou: ora anda,  
 Não percas tempo.

DIONIZ.

Eu vou mui promptamente.

(vai-se)

LEODARD.

Quem dicera, Leonardo, que a conquista  
 Da tua amada, dessa, que te rouba  
 Toda a pás, e focego, não contente  
 C' o coração, que á muito tem roubado  
 Te seria tão facil, que a fizeras  
 Entre rizos, e gostos,

*Sabe Julianna apressada, e logo atrás  
 Barbaque muito de vagar, e melancolico.*

JULIAN.

Oh bem vindo  
 Tu sejas, meu Doutor. Senhor Barbaque,  
 Muita fé, muita fé; que meu sobrinho  
 Tem huma augilidade, e pripicacia  
 Para estes cauzos, que isso he huma couza.  
 Muita fé, muita fé.

LEONARD.

Senhora Tia  
 A' pouco recebi hum seu recado,  
 Para que logo logo, e sem demora, . . .

BASBAQ.

Bom dia, meu Doutor.



LEONARD.

Servo humilissimo.

BASBAQ.

Senhor Doutor . . . . não tenho . . . . outro re-  
medio . . . .

Senaõ . . . . valha-me o Ceo . . . . estou . . . .

LEONARD.

Coitado !

*(reparando em Basbaque)*

Oh homem miseravel ! Que desordem

Vejo naquella maquina ! Parece . . . .

BASBAQ.

Senhor Doutor . . . . Dionizia , humas cadei-  
ras :

De pressa , rapariga , que eu . . . . eu morro !

Sinto pella cabeça . . . .

JULIAN.

Naõ f' affuste ,

Senhor Barbaque.

BASBAQ.

Eu morro . . . .

LEONARD.

Zombe disso :

Naõ morre inda taõ cedo ; inda ô não vejo ,

Floccos aeris colligens ; ou como

Diz Hippocrates . . . .

BASBAQ.

Eu não fei que tenho ?

JULIAN.

Ora sente-se que isso he algum vaugado ,

Ou flauto viturino ; em descانçando.

LEONARD.

Sim descانçe , que he justo ; pois que os velhos



O sistema interaneo tem mui fraco ;  
 E qualquer opio fás logo rodar-lhes  
 Em vortices o cerebro. Coitado !

B A S B A Q.

Senhor Doutor . . . . eu quero expor-lhe . . . .

L E O N A R D.

Nada ;

Nada d' exposiçaõ. Seria injuria  
 Ao seu , e ao meu caracter. Eu m' explico.

Para este cazo , para hum tal enfermo ,  
 Como o Senhor Basbaque , a Medicina  
 Seria injuriada , e escarnecida ,

S' aqui tivesse entrada ; e mais ainda ,

The seria nociva ; e f' entornava

De todo o nosso cazo. Nada , nada.

Alveitaria , alveitaria ; e tudo *(em voz alta)*

Que se naõ parecer alveitaria ,

Vai barrado. Senhor , os Alvaitares

Naõ sabem perguntar aos seus enfermos ,

E curaõ muito bem. Ah China , China !

Isto he , que he terra ! Lá he que saõ Medicos !

O Enfermo naõ diz nada : o sabio Medico

Toma o pulso , e retoma ; largas horas

Medita , e remedita ; e só c' o pulso

Capitula a molestia , e cura o doente.

Ah China , China !

B A S B A Q.

E emtaõ que lhe parece ?

Diga Senhor Doutor , Estarei prenhe ?

L E O N A R D.

Sim senhor , sim senhor ; e que lh'emporta ?

Olhe que he boa asneira ! Estes doentes



Tudo querem Saber ? A cazo cuidaõ . . . .

JULIAN.

Emtaõ he certo , ou naõ ? Pois pode crello ;  
O' em Leonardo o dizendo , naõ há mais  
Para onde appellar.

BASBAQ.

Ai , ai , que morro ! . . . .  
Por piedade Senhor . . . .

LEONARD.

E o pobre velho  
Está de pedra e cál capacitado (a parte)  
Da ridicula peta ? Emtaõ ha vacuo ?  
Datur vacuum ? Datur , aut non datur ?  
Respondete , Philosophi ; non vacua  
Cabeçorra Basbaquis ?

BASBAQ.

De que servem  
A' minha doença os textos , que me cita  
Do Seu Author Hippocrita ? Soccorra-me  
Por piedade c' os feos . . . .

LEONARD.

Servem de muito.  
S' os naõ entende , basta que os entendaõ  
Os meus Ouvintes. Mas eu já dou ordem  
A curar-lhe a molestia. Há lá por dentro  
Prezunto de fiambre ?

BASBAQ.

Há Sim Senhor.

LEONARD.

Optimamente. Há lombos de Vitella ?

BASBAQ.

Há fim Senhor.

LEO-



LEONARD.

Bom , bom. Vamos a diante.

Há paos , e xouricas ? Meia duzia  
De peruns , e de coelhos ? Há leitoens ?

BASBAQ.

Sim Senhor , sim senhor ; e cazo ainda  
Que não houvesse tudo , o que tem dito ,  
Ha perto aqui hum grande Pastelleiro ,  
Que tudo apromptaria n'hum instante.

LEONARD.

Pois meza posta ; e tudo sobre a meza  
Para todos jantar-mos.

BASBAQ.

Estou doido !

Que modo de curar ?

LEONARD.

Senhor enfermo ,  
Largue a seara , que lhe não pertence ,  
Se quer faude ter. He boa historia !  
Ou se não vou-me embora. Diga , diga :  
Não sabe o que padece ? Não conhece  
Que docença tem ? Não sabe que os dezejos  
São remedios heroicos nestes cazos.

BASBAQ.

Sim Senhor , sim senhor ; porem . . . .

LEONARD.

Não sabe

Como ha de ter dezejos ? Eu lho digo.  
Nós comeremos , co Senhor Basbaque  
A' meza servirá , sem comer pada.  
Fazendo isto , por força tem dezejos.



B A S B A Q.

Tem razaõ., tem razaõ. Oh! se he verdade?  
 Q' eu sempre ouvi dizer, que cõs dezejõs  
 Perigaõ as mulheres, quando se achaõ  
 Neste estado maldito, em que me vejo.  
 Eu vou mandar vir tudo a toda a pressa,  
 Sem tardar hum minuto. *(vai-se)*

S C E N A III.

OS MÊSMOS.

LEONARD.

**D**EOS o traga  
 Com toda a brevidade. Pobre velho!

DIONIZ.

Ora, Senhor Leonardo, de que servem  
 Tantos enredos cá ao nosso intento?

LEONARD.

Minha amada Dionizia; não t' affligas.  
 Brevemente verás o fim de tudo.

DIONIZ.

Mas meu Pay se estas couzas se demoraõ . . . .

JULIAN.

Que tem seu Pay, que tem? A cauzo morre?  
 Olhe lá lhe não morra. Indas que esteja . . . .



*Sabe Calote.*

CALOT.

A, a, a, a, que esporas cá chegaraõ (*rindo-se muito*)  
Ao nosso bom Patraõ, que toda a caza

Revolve de foguete, e na cozinha

Fás tudo andar girando em roda viva?

A' hum canto destapado, e a esfair-se

Ouço o tonel gró gró, ao outro canto

Cheira de modo o rubido prezunto,

Que cresce agua na boca: aqui armarios,

A trinta annos fechados, se arreganhaõ,

E estaõ de si deitando os aloirados,

E cascudos Flamengos: ali vejo

Rechiados peruns, coelhos, e lebres.

A, a, a, a; que foi isto Senhores?

LEONARD.

Q' outra couza seria, mais, que effeitos

Da tua habilidade?

DIONIZ.

Ah! pobre Pay!

Q' injurias, e que maguas te consente

Huma Filha, que amor tem conquistado!

JULIAN.

Olhem o tal Calote! Que diabrete!

Que barulho tem feito! Com justiça

Os negros onze letras saõ punhidos

Com tanta austrilidade!

(*a parte*)

CALOT.

Ora hé bem certo,

Senhor Doutor Leonardo, que este officio

Da



De Medico . . . . mas ai , que là vem vindo  
Gente a apromptar a meza. Em ál fallemos.

*Sabe Basbaque apressado , e com elle dois  
criados a apromptarem a meza.*

B A S B A Q.

Meza prompta , rapazes ; meza prompta :  
Vamos , mexaõ os pés ; andar ligeiro.  
Ora Senhor Doutor o Ceo se digne *(para Leo-*  
Pôr em tudo a virtude , que eu prometto *nardo)*  
De lhe corresponder liberalmente :  
E creio , que . . . .

L E O N A R D.

Deixemos as promessas  
Em silencio ; por quanto estou bem certo  
Que nunca farei pago , inda que cumpra  
Tudo o que prometer.

B A S B A Q.

Porque ? duvida . . . .

L E O N A R D.

Naõ duvido ; porém cura taõ rara . . . .  
Em fim toca a assentar , que eu ja devizo  
A meza alguma couza ; fite os olhos  
Cá de fóra já nhum já n'outro prato ,  
A ver se acazo tem alguns dezejões ;  
E cazo se lhe offreça alguma couza  
Naõ aceite , Senhor. Muito sentido  
Neste concelho , que he de consequencia.  
Senhora Dionizia , minha Tia ,  
Vamos a isto , vamos : sem çremonia :  
Ande Irmaõzinho , sente-se , que a meza

Ches



Chega bem para todos.

DIONIZ.

Eu me assento

Aqui junto a Senhora Julianna.

LEONARD.

Pois eu m' assento junto ao Peregrino.

*Assentão-se todos, e entraõ a comer ;  
passado algum tempo diz*

LEONARD,

Oh que lombo ! famozo ! certamente

He o melhor do mundo ! Fresco . . . tenro . . .

Senhor Basbaque , prove este garfinho.

BASBAQ.

Obrigado , obrigado.

LEONARD.

E emtaõ não prova ?

Hum pedaçoinho , mal fazer não pode.

BASBAQ.

Stou fazendo dezejo ; obrigadissimo.

LEONARD.

Basta , basta ; he verdade ; he muito justo.

*Passado mais algum tempo diz*

JULIAN.

Cá vai Senhor Barbaque

(bebe)

BASBAQ.

Que lhe preste

DIONIZ.

Prove esta azinha , Pay ; está taõ boa !

BASBAQ.

Stou fazendo dezejo

C A



CALOT.  
Agora he justo . . . .

JULIAN.  
Vivaõ as Almas Sanctas ; viva , viva ,  
Descarregando no Senhor Barbaque. (bebe)

CALOT.  
Ora o dêmo da velha he hum funil ! (a parte)

Agora he justo , que o Senhor Barbaque  
Coma alguma couzinha. Esta orelhinha  
De leitaõ naõ fás mál. Está taõ bella !  
Taõ torradinha ! Prove , prove ao menos . . . .

BASBAQ.  
Stou fazendo dezejos ; obrigado.

LEONARD.  
Senhor Basbaque , diga ; naõ per sente  
Revoluções no baixo ventre ; e ancias ,  
Como quem o naõ farta o ár ambiente ?

BASBAQ.  
Stou fazendo dezejos

LEONARD.  
Naõ he isso ,  
O que digo.

JULIAN.  
Pergunta o meu Sobrinho  
Se sente trovoadas na barriga ,  
Acompanhadas de sufrocações ?

BASBAQ.  
Ah ! Ja fei. Nada ; nada. Eu cá naõ sinto  
O mais pequeno abálo.

LEONARD.  
Mau he isso.  
Naõ temos feito nada. Dar-se-há cazo

Que



Que não tem dezejado ?

BASBAQ.

O' lá se tenho !

Naó me faltaó dezejos !

LEONARD.

Mas não bastaó

Quaesquer dezejos. Haó-de ser dezejos ,

Q' o devorem por dentro.

BASBAQ.

E eu posso acazo ,

Ou tenho em minhas mãos effes dezejos ?

LEONARD.

Peior ; peor.

JULIAN.

Que vivaó , meos Senhores.

(Bebe)

LEONARD.

Minha Tia , . . . prudencia . . .

CALOT.

Como chupa

A cortiça da velha ! Apre com ella !

(a parte)

JULIAN.

Naó t' enfades sobrinho.

LEONARD.

Minha Tia ,

Deixemos de conversas que eu me sinto

Consternado em extremo , e . . . oh mal haja

O tempo , que gastei cõ a Medicina ! (levanta-se)

Mal haja a Mediçina ! De que servem muito affli-

Tantos estudos , taó crueis fadigas ? *Éto e todos*

BASBAQ.

*com elle)*

Que tem , Senhor Doutor ? que repentina

Mudança agora he esta ? A cazo doe-lhe

LEO-



LEONARD.

Deixem-me, deixem-me, que estallo. Triste,  
Triste de quem possui huma alma terna,  
Que sente o mal alheio!

JULIAN.

Leonardo.

DIONIZ. E CALOT.

Senhor Doutor Leonardo.

BASBAQ.

Que foi isto?

Ah meu rico Doutor, a cazo dóe-lhe . . .

LEONARD.

Nada me dóe, Senhor, nadame dóe.

Deixem-me, deixem-me. Porem . . eu devo . . .

Naõ tenho outro remedio. Meu Velhinho,

Tenha paciencia. Quanto custa, oh Ceos,

Taõ triste dezengano! Mas conforme-se,

Que assim o quer o Ceo: e logo, logo

Cuide em s' aparelhar, em quanto pode,

Que certamente morre desta doenca.

Naõ lhe sinto remedio.

BASBAQ.

O que? Que eu morro?

Oh coitado de mim! Oh desgraçado (*desmaia nos*

Eu . . . eu acabo. *braços de Dionizia*)

DIONIZ.

Ai, ai o meu Paizinho!

(*xorando*)

O meu rico Paizinho! E hé possivel,

Senhor Leonardo . . .

LEONARD.

Naõ t' affligas tanto,

Minha amada Dionizia, que he preciso . . .

DIO-



DIONIZ.

Nada , nada , Senhores ; basta ; basta ,  
 Já tanta tirania ; concluamos  
 Já este enredo , ou eu revello tudo.  
 Eu não confinto mais . . . .

LEONARD.

Pois fim ; descança ;  
 Que eu já conluo tudo nhum instante.  
 Senhor Basbaque , alviçaras , que tenho *(gritando-*  
 Descuberto hum remedio fem segundo. *lhe ao ou-*  
 Não f' affuste , Senhor. *vido)*

BASBAQ.

Ai que respiro . . . .

LEONARD.

Não f' affuste , Senhor. Lembrou-me agora  
 Hum heroico remedio , que de certo  
 O poem a pás e a salvo . . . .

BASBAQ.

Sim de veras ?

LEONARD.

E se â cazo for falso o que lhe digo . . . .

BASBAQ.

Pois meu rico Doutor . . . . ah Dionizia ,  
 Roga ao Senhor Doutor : roga-lhe filha.

DIONIZ.

Senhor Doutor se â cazo . . . . *(de joelhos)*

LEONARD.

Oh ! Tanto excessõ *(levantando-a)*  
 Não he precizo. Basta huma só couza ,  
 Que me conceda.

BASBAQ.

He couza com que eu possa ?

Está



Está nas minhas maons ?

LEONARD.

Está por certo.

Nem eu exigiria hum impossivel.

Quero , prometta aqui perante todos ,

Conceder-me , depois de saõ e salvo ,

Aquillo , que eu pedir-lhe , certo e certo . . . .

BASBAQ.

Pois hei-de prometer-lhe , sem que saiba

O que prometto ?

CALOT.

E he isso algum milagre ?

Bem sei , que hé prometter muito ás escuras ;

Mas se nisso consiste a sua vida ?

BASBAQ.

Prometto ; sim prometto ; mas no cazo

Q' eu fique saõ , e que naõ seja couza

Que me cauze defonra , que antes quero

Morrer honrado , que viver sem honra.

LEONARD.

Aceito , aceito , e todo este congresso

Queira ser testemunha da promessa.

TODOS OS MAIS.

Estamos promptos.

LEONARD.

Pois meu rico Amigo ,

Bem sabe , que perigaõ as mulheres

D' ordinario por huma destas cauzas ;

Ou dezejos , quando estes saõ vehementes ,

Ou huma queda dada bem em xeio.

A primeira ja vemos , que naõ serve.

Resta a segunda ; e creio que com ella



Teremos o prazer de o ver contente  
 Restituído ao seu antigo estado.  
 Está por isto?

BASBAQ.

Estou por tudo; e tudo,  
 Quanto lhe parecer conveniente.

LEONARD.

Pois suba a esta meza. Vamos, vamos.

JULIAN.

Vamos, Senhor Basbaque, não duvide.  
 Muita fé, muita fé.

LEONARD.

Naõ se demore,  
 Senhor Basbaque, suba a esta meza,  
 E estando em cima dê com figo em terra.

BASBAQ.

Eu subo, eu subo; mas . . . .

CALOT.

O que, . . . . Patraõ?  
 Tem receio da queda? Naõ he couza,  
 Que lhe faça prejuizo.

BASBAQ.

Pois eu subo; (sobe)  
 Eo Ceo permitta seja para proveito.

DIONIZ.

Ai meu Paizinho! Ai meu rico Paizinho!  
 Agora certamente . . . . eu ver naõ posso *(tapan-*  
 Huma taõ grande queda, *do os olhos)*



*Deita-se abaixo Basbaque.*

LEONARD. JULIAN. CALOT.

Viva, viva!

Lá vai, lá, vai; alvicaras, alviçaras.

Lá vai Senhor Basbaque.

BASBAQ.

O que Senhores?

Jezus! que desta vez . . . .

OS MESMOS

Viva, e reviva.

Que já lá vai.

BASBAQ.

O que? eu não vi nada.

LEONARD.

Pois não vio ir voando pelos ares,

Quando chaio em terra, huma coizinha

Com azas a zunir, como hum bizouro?

JULIAN.

E por signal, que ella era taõ pretinha . . . .

CALOT.

E eu cuidei, que levava a tal coizinha

Hum capuz na cabeça!

DIONIZ.

Eu não vi nada;

Como tapei os olhos, não vi nada.

BASBAQ.

Ah! Cachorro! Diabrete! Senão foras

Filho d'aquelle Pay, não voarias

De Capuz a cantar! Oh que bem dada

Foi a boa da queda! De contente



Creio , que acabo a vida. Abençoado  
Seja o Senhor Doutor , quem eu devo . . . . .

LEONARD.

Agora resta ouvir-me a minha Supplica ,  
E cumprir a promessa.

BASBAQ.

Vamos , vamos ;  
Vamos a ella , que cumprirei tudo.

LEONARD.

Pois , meu caro Basbaque , eu quero a honra  
De me ver nomeado por seu Filho ,  
Consentindo , que eu dê a mão d'espozo  
A' Senhora Dionizia.

JULIAN. E CALOT.

He justo ; he justo.

BASBAQ.

Ui Senhor pois não sabe , que não tenho  
Isto nas minhas maons ?

LEONARD.

Eu fei , que tudo  
Só depende do seu consentimento.

BASBAQ.

Peior he esta. A cazo . . . . . Quem soubera . . . .  
S' ella quizer , eu não porei duvida.

Rapariga , tu queres . . . . . despozarte . . . . .

Dize que não , Dionizia ; fala , fala. (*baizo para*  
*Dionizia*);

DIONIZ.

Eu por mim . . . . . não duvido . . . . .

BASBAQ.

Rapariga ,  
Dize , que não. Emtão? eu não t'obriigo. (*a parte*  
Pois queres , ou não queres ? Fala , fala. *para*  
D DIO- ella)



DIONIZ.  
Eu quero, fim Senhor.

BASBAQ.

Oh? que diceste,  
Ingrata filha? Assim deixar-me queres  
Velho, e sem companhia? He este o pago . . . .  
Mas que remedio? Prometti; vá feito.  
Pois dem as maons d' Espozoz; e o Ceo permit-  
ta . . . .

JULIAN, EO DITO.

Que seja pra viver, como Deos manda.

LEONARD.

Aqui tens a minha maõ, bella Dionizia,  
E com a maõ a alma, e a liberdade.

DIONIZ.

E a minha vos offereço taõ gostozza,  
Quanto deveis suppor do grande excesso,  
Com que vos amei sempre.

TODOS.

Viva, viva:

Vivaõ os Noivos, eo Senhor Basbaque

LEONARD.

Vivamos todos, e nos fique o gosto  
De conseguir com huma extravagancia

TODOS.

Hum bem, que parecia inconquistavel.

F I M.



